

MACEDO, Lino. **Ensaio Construtivistas**. São Paulo, Ed. Casa do Psicólogo, 1994.

*Antônio Wilson Pagotti**

É comum, em leituras sobre educação, encontrar-se reflexões a partir de perguntas como: “educar para quê?”, “educar para quem?”. As leituras colocam questionamentos históricos, políticos, ideológicos onde a concepção de luta de classes normalmente está presente. Nesta ótica processa-se uma dicotomia: de um lado as teorias educacionais críticas, de outro as teorias educacionais não críticas, como se fosse possível este nível de precisão conceitual e assim dividi-las “matematicamente”. Sobre as teorias não críticas ressaltam-se o “pedagogismo”, e o “psicologismo”, dão-lhes a pecha de conservadoras ou, na melhor das hipóteses, reformistas. Quanto às teorias críticas, resalta-se o caráter revolucionário, porém pela contundência acabam não tendo um “mundo possível” para aplicação. Assim, sua importância circunscreve-se na possibilidade de refletir a realidade educacional. Isto porque a ênfase do processo crítico está principalmente no pensamento por oposição. Em alguns casos há autores que chegam a afirmar que a educação escolar é hoje e o que foi o cristianismo para o período medieval. O que é um exagero crítico.

Sem dúvida educar é um dos grandes dilemas da humanidade, pois implica em formação intelectual e moral. Bem sabemos que a “arte de educar” também tem a ver com a “arte de dominar”, Machiavelli no seu famoso escrito O PRÍNCIPE, procurava mostrar que melhor, mais barato e menos problemático que a dominação pela força era a dominação através das crenças, valores e pela linguagem.

O campo da educação é o campo das crenças, dos valores, da linguagem, da lógica, da racionalidade, do campo da ação, da reprodução e da criação. Neste sentido, em muitos momentos o educar foi orientado para a formação doutrinária, pois era importante para os governantes ter o controle ideológico sobre o saber, determinava-se assim que o pensar e o agir fossem “conectados” a um tipo de saber instituído que atendia as necessidades pré-

* Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

estabelecidas. Porém, algumas “ilhas de rebeldia”, tanto no plano pedagógico como no plano político, apontavam outros caminhos. Isto se deu com a escola de Tolstoi na Rússia czarista, de Freinet na França, de Montessori na Itália e particularmente, nas décadas de cinquenta e sessenta, o movimento de “educação para a liberdade”, como na escola Summerhill, que fomentou a contracultura. Em comum todas estas “escolas” traziam o pensamento e a práxis antagônicos ao status vigente.

No Brasil, apesar dos grandes pensadores em educação, a prática educativa sempre foi complicada, quer pelo limitado acesso da população à escola, pelo baixo interesse do estado e de suas elites no estímulo à aprendizagem escolar, quer pelas ditaduras ou pelas precárias condições de ensino. Hoje, não temos mais o rígido controle ideológico, o que tomou possível o debate sobre estratégias de ensino, modelos, programas, conteúdos, inclusive a democrática escolha de dirigentes. Porém, as condições materiais, salariais e de formação docente continuam precárias. Os velhos fantasmas da reprovação, da evasão e da aprendizagem deficiente continuam presentes atormentando alunos, professores, dirigentes de escolas e muitos secretários de educação, interessados em mudanças quantitativas e qualitativas.

As perguntas constantes são: por que tanta reprovação? Por que tanta evasão? Como as crianças aprendem? Qual a melhor maneira de ensinar? Quais são os custos financeiros e sociais do fracasso escolar? No “drama” da sala de aula muitos professores esperam que orientadores educacionais, psicólogos, ou cursos rápidos possam lhes trazer uma resposta mágica que os ajude a acabar com o fantasma. Mas infelizmente a coisa não é tão simples.

ENSAIOS CONSTRUTIVISTAS

Esses problemas têm sido objeto de reflexão de muitos educadores e têm surgido alternativas interessantes para a compreensão de “como o conhecimento é construído”, “como o conhecimento se produz na escola” e como é possível uma “prática pedagógica que ajude a superar muitos impasses da educação escolar”.

Um trabalho que penso ser fundamental aos professores e pessoas interessadas na construção dos conhecimentos é o livro editado pela Casa do

Psicólogo, ENSAIOS CONSTRUTIVISTAS do prof. Lino de Macedo, um estudioso da obra de Jean Piaget que faz uma conexão entre o construtivismo e a educação escolar. A importância da obra está justamente na possibilidade de tornar “simples” o caudaloso e complexo pensamento piagetiano.

O livro foi composto por um conjunto de artigos anteriormente apresentados em revistas especializadas em Psicologia e Educação. Mas, apresenta uma grande coerência discutindo desde “o construtivismo e sua função educacional” até “para uma avaliação construtivista”. Discute o método clínico e aponta os desafios construtivistas ao professor. Macedo dá sentido ao fato que a educação escolar tem um papel fundamental na formação de sujeitos críticos, capazes de avaliar situações e acontecimentos e de tomar decisões lógicas e coerentes, isto porque o pensamento construtivista propõe que a educação escolar seja um meio importante para se alcançar tanto a autonomia intelectual como a autonomia moral. Nesse sentido é necessário entender-se qual o caminho a seguir.

O caminho clássico que hoje vige na maioria das escolas é aquele em que a linguagem é o mais importante meio de transmissão de conhecimentos, o aluno **reproduz** o que o professor apresenta (copiar e decorar são partes intrínsecas do processo). O modelo de ensino é indutivo, sendo a ênfase em etapas descritivas e explicativas. Como consequência, temos um ensino de **representação da realidade**; o adulto deve ensinar e a criança aprender. O adulto é maturo e a criança imatura.

A contrapartida apresentada por Macedo é o construtivismo, uma vez que este produz o conhecimento formalizante, onde o desenvolvimento se dá através da ação da criança. Ela é o agente que promove a reconstituição dos acontecimentos através de sua ação. Através dessa ação ela descobre (constrói) para si o conhecimento. Esse **descobrir** tem um sentido fundamental, não se dá por indução (embora faça parte do processo) mas por dedução. Os momentos descritivo e explicativo buscam não a representação da realidade mas sim a internalização da realidade, ou seja, a busca é compreensiva.

Se a evasão e a repetência são hoje muito altas, se a qualidade de apreensão do que é “ensinado” é pequena, é provável que boa parte deste “fracasso” se deva justamente ao ensino pela representação da realidade. Portanto, para superar o fracasso devemos pensar em mudanças que alterem o foco de como se aprende.

Uma das alternativas para essa mudança de foco é o esforço incessante em conjugar teoria e prática, e uma pesquisa constante do pensamento construtivista na ação pedagógica. Nesse sentido estaremos redescobrimo o professor que tem na práxis pedagógica a função de formar ou instrumentalizar os futuros cidadãos de uma sociedade.

É evidente que a direção construtivista implica, em muitos casos, na mudança da postura do professor, na seleção e organização dos materiais de ensino, nos procedimentos quanto à disciplina, e no processo de avaliação. Implica em mudar a forma de olhar a aquisição do conhecimento.

A "metodologia piagetiana" hoje é muito divulgada através da literatura, de seminários, debates e cursos. É comum encontrar-se professores interessados na sua utilização. Há inclusive, e muito, os que acham que estão utilizando a "metodologia piagetiana" sendo defensores do método clínico, mas diante dos impasses naturais do cotidiano escolar mostram dificuldades para agir de maneira construtivista. Como o construtivismo não se coloca como uma apreensão técnica, uma vez que os professores precisam construir e reconstruir o seu próprio conhecimento pedagógico, alguns professores acabam buscando nas antigas fórmulas didáticas as respostas aos problemas, o que tende manter o *status quo* educacional. Como não encontram uma resposta imediata para o seu dilema (conflito cognitivo), mesmo sabendo que o modelo antigo é ineficiente, acabam utilizando-o, ou seja, não vêem o problema como um desafio a ser enfrentado.

Ao professor é importante compreender que no cotidiano ele vai deparar-se com duas dimensões relevantes a qualquer evento educacional: estrutura e gênese. A estrutura tem a função auto-reguladora, dinâmica, capaz de incorporar novas informações. A outra é a gênese, que corresponde às circunstâncias, realçando a mutabilidade e a singularidade. Macedo exemplifica essas organizações dizendo que os dias, meses, estações do ano são estruturas, mas os dias (em função dos acontecimentos temporais, espaciais, da relação com os objetos e das diversas causalidades) são diferentes entre si. Radicalizando um pouco, pode-se dizer que se não há duas folhas iguais, se é impossível banhar-se duas vezes na mesma água de um rio, como podemos imaginar crianças iguais? Assim, por mais que seja planejado o cotidiano escolar, sempre haverá algo que só se define no momento da realização.

É neste sentido que a formação dos professores como diz Piaget, é longa e complexa e nesta complexidade Macedo ressalta quatro pontos fundamentais: “é importante o professor tomar consciência do que faz ou pensa a respeito de sua prática pedagógica; ter uma visão crítica das atividades e procedimentos na sala de aula e dos valores culturais de sua função docente; adotar uma postura de pesquisador e não apenas de transmissor; ter um melhor conhecimento dos conteúdos escolares e das características do desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos”.

Superar a situação atual de fracasso escolar é urgente. A busca de alternativas é uma necessidade, também é preciso entender-se que “construtivismo” e “não construtivismo” são duas formas de conhecimento. O problema é diferenciá-las e integrá-las; é saber quando e como operá-las em proveito da educação da criança”.